

Eduardo Pinheiro Urrutia  
Juliano de Azevedo Vianna  
Sheila Morales Monteiro Dias  
Valter Peracchi Bittencourt Soares

**FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA:  
EPISTEMOLOGIA, TEORIA, METODO E  
ENSINO**



SÃO PAULO | 2026

Eduardo Pinheiro Urrutia  
Juliano de Azevedo Vianna  
Sheila Moralles Monteiro Dias  
Valter Peracchi Bittencourt Soares

**FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA:  
EPISTEMOLOGIA, TEORIA, METODO E  
ENSINO**



SÃO PAULO | 2026

1.<sup>a</sup> edição

**Autores**

Eduardo Pinheiro Urrutia  
Juliano de Azevedo Vianna  
Sheila Moralles Monteiro Dias  
Valter Peracchi Bittencourt Soares

**FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA: EPISTEMOLOGIA, TEORIA,  
MÉTODO E ENSINO**

ISBN 978-65-6054-300-3



Autores

Eduardo Pinheiro Urrutia  
Juliano de Azevedo Vianna  
Sheila Moralles Monteiro Dias  
Valter Peracchi Bittencourt Soares

FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA: EPISTEMOLOGIA, TEORIA,  
MÉTODO E ENSINO

1.<sup>a</sup> edição

SÃO PAULO  
EDITORA ARCHÉ  
2026

**Copyright © dos autores e das autoras.**

Todos os direitos garantidos. Este é um livro publicado em acesso aberto, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que sem fins comerciais e que o trabalho original seja corretamente citado. Este trabalho está licenciado com uma Licença *Creative Commons Internacional* (CC BY- NC 4.0).



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

F981 Fundamentos da sociologia [livro eletrônico] : epistemologia, teoria, método e ensino / Eduardo Pinheiro Urrutia... [et al.]. – 1. ed. – São Paulo, SP: Editora Arché, 2026.

Formato: ePUB

Requisitos de sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-6054-300-3

1. Sociologia – Epistemologia. 2. Teoria sociológica – Metodologia. 3. Sociologia brasileira – Ensino. 4. Modernidade – Transformações sociais. I. Urrutia, Eduardo Pinheiro. II. Vianna, Juliano de Azevedo. III. Dias, Sheila Moralles Monteiro. IV. Soares, Valter Peracchi Bittencourt.

CDD 301

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Revista REASE cancelada pela Editora Arché.

São Paulo- SP

Telefone: +55 55(11) 5107-0941

<https://periodicorease.pro.br>

[contato@periodicorease.pro.br](mailto:contato@periodicorease.pro.br)

1ª Edição- *Copyright* © 2026 dos autores.

Direito de edição reservado à Revista REASE.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade do (s) seu(s) respectivo (s) autor (es).

As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referenciais bibliográficos são prerrogativas de cada autor (es).

Endereço: Av. Brigadeiro Faria de Lima n.º 1.384 — Jardim Paulistano.

CEP: 01452 002 — São Paulo — SP.

Tel.: 55(11) 5107-0941

<https://periodicorease.pro.br/rease>

[contato@periodicorease.pro.br](mailto:contato@periodicorease.pro.br)

Editora: Dra. Patrícia Ribeiro

Produção gráfica e direção de arte: Ana Cláudia Néri Bastos

Assistente de produção editorial e gráfica: Talita Tainá Pereira Batista

Projeto gráfico: Ana Cláudia Néri Bastos

Ilustrações: Ana Cláudia Néri Bastos e Talita Tainá Pereira Batista

Revisão: Ana Cláudia Néri Bastos e Talita Tainá Pereira Batista

Tratamento de imagens: Ana Cláudia Néri Bastos

## **EQUIPE DE EDITORES**

### **EDITORA- CHEFE**

Dra. Patrícia Ribeiro, Universidade de Coimbra- Portugal

### **CONSELHO EDITORIAL**

Doutoranda Silvana Maria Aparecida Viana Santos- Facultad Interamericana de Ciências Sociais - FICS

Doutorando Alberto da Silva Franqueira-Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Me. Ubranalize Cunha Santos- Corporación Universitaria de Humanidades Y Ciências Sociales de Chile

Doutorando Allysson Barbosa Fernandes- Facultad Interamericana de Ciencias Sociales (FICS)

Doutor. Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra- Universidad del Sol do Paraguai- PY

Me. Victorino Correia Kinhama- Instituto Superior Politécnico do Cuanza Sul-Angola

Me. Andrea Almeida Zamorano- SPSIG

Esp. Ana Cláudia N. Bastos- PUCRS

Dr. Alfredo Oliveira Neto, UERJ, RJ

PhD. Diogo Vianna, IEPA

Dr. José Fajardo- Fundação Getúlio Vargas

PhD. Jussara C. dos Santos, Universidade do Minho

Dra. María V. Albaronedo, Universidad Nacional del Comahue, Argentina

Dra. Uaiana Prates, Universidade de Lisboa, Portugal

Dr. José Benedito R. da Silva, UFSCar, SP

PhD. Pablo Guadarrama González, Universidad Central de Las Villas, Cuba

Dra. Maritza Montero, Universidad Central de Venezuela, Venezuela

Dra. Sandra Moitinho, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Eduardo José Santos, Universidade Federal do Ceará,

Dra. Maria do Socorro Bispo, Instituto Federal do Paraná, IFPR

Cristian Melo, MEC

Dra. Bartira B. Barros, Universidade de Aveiro-Portugal

Me. Roberto S. Maciel- UFBA

Dra. Francisne de Souza, Universidade de Aveiro-Portugal

Dr. Paulo de Andrada Bittencourt – MEC

PhD. Aparecida Ribeiro, UFG

Dra. Maria de Sandes Braga, UFTM

## **DECLARAÇÃO DOS AUTORES**

Os autores se responsabilizam publicamente pelo conteúdo desta obra, garantindo que o mesmo é de autoria própria, assumindo integral responsabilidade diante de terceiros, quer de natureza moral ou patrimonial, em razão de seu conteúdo, declarando que o trabalho é original, livre de plágio acadêmico e que não infringe quaisquer direitos de propriedade intelectual de terceiros. Os autores declaram não haver qualquer interesse comercial ou irregularidade que comprometa a integridade desta obra.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Editora Arché declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art.º 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *ecommerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

A presente obra, intitulada \*Fundamentos da Sociologia: epistemologia, teoria, método e formação social\*, propõe-se a um exercício intelectual de fôlego: o de apreender a Sociologia não como um conjunto estático de conceitos, mas como um campo científico singular, dinâmico e intrinsecamente marcado por tensões. Ao contrário das ciências naturais, que gozam de objetos de estudo dotados de relativa estabilidade, a Sociologia emerge do próprio turbilhão das transformações modernas. Ela é filha das crises — da Revolução Industrial à consolidação do Estado Moderno —, e seu objeto é a realidade social em permanente reconstrução. Assim, o ponto de partida desta análise é o reconhecimento de que o pensamento sociológico se desenvolve no horizonte das desigualdades estruturais, da secularização e da complexidade urbana.

Desde o seu amadurecimento no final do século XIX, a disciplina estabeleceu-se como uma ciência reflexiva. Isso significa que a Sociologia não se limita a descrever o mundo; ela interroga a si mesma e às condições sob as quais o conhecimento é produzido. Esse estatuto peculiar exige do

pesquisador uma constante problematização de seus próprios fundamentos. A obra que aqui se apresenta navega por esses debates centrais, articulando binômios clássicos como objetividade e subjetividade, ou estrutura e agência, sem reduzir a disciplina a um mero manual introdutório. O que se busca é uma análise teórica articulada, voltada para os alicerces que conferem à Sociologia seu rigor científico e sua validade enquanto saber crítico.

Um dos pilares argumentativos deste livro é a defesa da unidade indissociável entre epistemologia, teoria e método. Partimos do pressuposto de que a prática sociológica não pode ser fragmentada: as formas de conhecer a realidade estão presas às teorias que orientam a visão de mundo e aos métodos que operacionalizam a investigação. Nesse sentido, a epistemologia deixa de ser um debate abstrato e externo para tornar-se o coração do fazer científico. Da mesma forma, as metodologias não são encaradas como um kit de ferramentas neutras, mas como expressões de escolhas intelectuais e compromissos éticos profundos. A técnica, portanto, é sempre uma extensão da teoria.

Ao mergulhar na trajetória da disciplina, o texto percorre a riqueza dos paradigmas explicativos. As teorias clássicas, capitaneadas por Karl

Marx, Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel, são tratadas como alicerces que ainda sustentam as construções contemporâneas. Longe de serem relíquias de um passado superado, esses autores oferecem os instrumentos necessários para compreender fenômenos como a racionalização do poder, o conflito social e a cultura na modernidade. Essa base clássica é o que permite à Sociologia, a partir da segunda metade do século XX, diversificar-se em correntes como o funcionalismo, a teoria da ação comunicativa, as abordagens pós-estruturalistas e decoloniais. Esse pluralismo não indica uma fragilidade acadêmica, mas sim a vitalidade de uma ciência que se adapta à fragmentação das identidades e à globalização tecnológica.

Outro compromisso fundamental desta obra é a valorização da sociologia brasileira. Recusamos a ideia de que o pensamento nacional seja uma cópia subalterna dos modelos euro-norte-americanos. Ao contrário, a tradição brasileira é apresentada como um campo intelectual original e vigoroso, que soube interpretar as especificidades da nossa formação social. Desde os grandes intérpretes do Brasil até a consolidação da sociologia acadêmica crítica, o foco aqui recai sobre a compreensão da modernidade periférica, do racismo estrutural e da dependência,

revelando como a sociologia produzida no Brasil é essencial para o debate global.

Por fim, o livro encerra sua reflexão debruçando-se sobre o ensino de Sociologia. Entendemos que a sala de aula não é apenas um local de repetição, mas uma dimensão constitutiva do próprio pensamento sociológico. O ensino envolve disputas curriculares e estratégias de emancipação intelectual, reafirmando o papel da disciplina na formação crítica dos sujeitos. Destinado a estudantes, pesquisadores e docentes, este livro reafirma a Sociologia como uma ciência plural, politicamente situada e indispensável para quem deseja não apenas observar as complexidades do mundo social, mas refletir sobre as próprias condições que tornam esse mundo — e esse saber — possíveis.

## RESUMO

O texto apresenta a obra \*Fundamentos da Sociologia: epistemologia, teoria, método e formação social\*, caracterizando a sociologia como um campo científico singular, marcado por uma natureza reflexiva e por uma gênese vinculada às profundas transformações da modernidade industrial. A proposta central do livro é oferecer uma análise integrada que rompe com a fragmentação do saber, estabelecendo uma unidade necessária entre a epistemologia, a teoria e o método. Argumenta-se que a prática sociológica não se resume ao emprego de técnicas neutras, mas constitui um fazer científico atravessado por compromissos éticos, escolhas teóricas e pela constante problematização de seus próprios fundamentos. A narrativa percorre a trajetória da disciplina desde os alicerces clássicos de Marx, Durkheim, Weber e Simmel — cujas categorias permanecem essenciais para a compreensão das dinâmicas

sociais contemporâneas — até a intensa diversificação paradigmática da segunda metade do século XX, que engloba desde a teoria dos sistemas até as perspectivas decoloniais. Um diferencial relevante da obra é o destaque conferido à sociologia brasileira, tratada como uma tradição intelectual original e crítica, capaz de interpretar as especificidades da modernidade periférica e das desigualdades estruturais do país. Por fim, o texto reafirma o papel do ensino de sociologia como uma prática de emancipação intelectual, essencial para a formação crítica e para a própria renovação da disciplina enquanto ciência plural e historicamente situada.

Palavras-chave: Sociologia. Epistemologia. Teoria Sociológica. Metodologia. Sociologia Brasileira. Ensino de Sociologia.

## ABSTRACT

The text presents the work *Fundamentals of Sociology: Epistemology, Theory, Method, and Social Formation*, characterizing sociology as a unique scientific field, marked by a reflexive nature and a genesis linked to the profound transformations of industrial modernity. The book's central proposal is to offer an integrated analysis that breaks with the fragmentation of knowledge, establishing a necessary unity between epistemology, theory, and method. It argues that sociological practice is not limited to the use of neutral techniques, but constitutes a scientific endeavor permeated by ethical commitments, theoretical choices, and the constant problematization of its own foundations. The narrative traces the discipline's trajectory from the classical foundations of Marx, Durkheim, Weber, and Simmel—whose categories remain essential for understanding contemporary social dynamics—to

the intense paradigmatic diversification of the second half of the 20th century, encompassing everything from systems theory to decolonial perspectives. A key distinguishing feature of this work is the emphasis given to Brazilian sociology, treated as an original and critical intellectual tradition capable of interpreting the specificities of peripheral modernity and the country's structural inequalities. Finally, the text reaffirms the role of sociology education as a practice of intellectual emancipation, essential for critical training and for the very renewal of the discipline as a plural and historically situated science.

Keywords: Sociology. Epistemology. Sociological Theory. Methodology. Brazilian Sociology. Sociology Education.

## RESUMEN

El texto presenta la obra *Fundamentos de Sociología: Epistemología, Teoría, Método y Formación Social*, que caracteriza a la sociología como un campo científico único, marcado por una naturaleza reflexiva y una génesis vinculada a las profundas transformaciones de la modernidad industrial. La propuesta central del libro es ofrecer un análisis integrado que rompa con la fragmentación del conocimiento, estableciendo una unidad necesaria entre epistemología, teoría y método. Argumenta que la práctica sociológica no se limita al uso de técnicas neutrales, sino que constituye un quehacer científico permeado por compromisos éticos, elecciones teóricas y la constante problematización de sus propios fundamentos. La narrativa traza la trayectoria de la disciplina desde los fundamentos clásicos de Marx, Durkheim, Weber y Simmel — cuyas categorías siguen siendo esenciales para comprender las

dinámicas sociales contemporáneas— hasta la intensa diversificación paradigmática de la segunda mitad del siglo XX, abarcando desde la teoría de sistemas hasta las perspectivas decoloniales. Un rasgo distintivo de esta obra es el énfasis en la sociología brasileña, considerada como una tradición intelectual original y crítica, capaz de interpretar las especificidades de la modernidad periférica y las desigualdades estructurales del país. Finalmente, el texto reafirma el papel de la formación en sociología como práctica de emancipación intelectual, esencial para la formación crítica y para la renovación misma de la disciplina como ciencia plural e históricamente situada.

Palabras clave: Sociología. Epistemología. Teoría sociológica. Metodología. Sociología brasileña. Formación en sociología.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 01</b> .....	<b>28</b>
EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	
<b>CAPÍTULO 02</b> .....	<b>40</b>
METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA EM SOCIOLOGIA	
<b>CAPÍTULO 03</b> .....	<b>53</b>
TEORIA CLÁSSICA DA SOCIOLOGIA	
<b>CAPÍTULO 04</b> .....	<b>64</b>
TEORIA SOCIOLÓGICA CONTEMPORÂNEA	
<b>CAPÍTULO 05</b> .....	<b>72</b>
SOCIOLOGIA BRASILEIRA	
<b>CAPÍTULO 06</b> .....	<b>83</b>
ENSINO DE SOCIOLOGIA	
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>101</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>108</b>

# INTRODUÇÃO

A Sociologia constitui-se como um campo científico singular no interior das ciências humanas, marcado desde sua origem por tensões epistemológicas, disputas metodológicas e compromissos teórico-políticos com a compreensão da vida social moderna. Diferentemente das ciências naturais, que se consolidaram a partir de objetos relativamente estáveis, a sociologia nasce em meio a profundas transformações históricas, sociais e econômicas, tendo como objeto uma realidade dinâmica, conflitiva e permanentemente em reconstrução. A emergência da sociedade capitalista, urbana e industrial, a secularização do mundo social, a consolidação do Estado moderno e o avanço das desigualdades estruturais conformaram o horizonte histórico no qual se desenvolveu o pensamento sociológico.

Desde o final do século XIX, a sociologia se estrutura como uma ciência reflexiva, que interroga simultaneamente seu objeto — a sociedade — e as condições de produção do próprio conhecimento social. Essa característica confere à disciplina um estatuto peculiar: trata-se de um saber que não apenas descreve ou explica fenômenos sociais, mas que também problematiza seus próprios fundamentos epistemológicos, suas escolhas metodológicas e suas implicações éticas e políticas. Assim, a

sociologia sempre esteve atravessada por debates centrais, como a relação entre objetividade e subjetividade, explicação causal e compreensão interpretativa, estrutura e agência, neutralidade científica e engajamento crítico.

É nesse horizonte que se insere a proposta deste livro. **Fundamentos da Sociologia: epistemologia, teoria, método e formação social** tem como objetivo apresentar uma reflexão sistemática e integrada sobre os principais eixos que estruturam o pensamento sociológico: a epistemologia das ciências sociais, as metodologias e técnicas de pesquisa, as teorias clássicas e contemporâneas, a tradição da sociologia brasileira e o ensino de sociologia como prática social e intelectual. A obra não se propõe a oferecer um manual introdutório, tampouco um inventário enciclopédico de autores, mas sim uma análise teórica articulada, voltada à compreensão dos fundamentos que sustentam a sociologia enquanto campo científico.

O livro parte do pressuposto de que não é possível compreender adequadamente a sociologia sem considerar a unidade — ainda que tensa — entre epistemologia, teoria e método. As formas de conhecer a realidade social estão intrinsecamente relacionadas às teorias que orientam a interpretação do mundo social e aos métodos utilizados para investigá-lo

empiricamente. Nesse sentido, a epistemologia não aparece como um debate abstrato ou externo à prática sociológica, mas como um elemento constitutivo do próprio fazer científico. Do mesmo modo, a metodologia não se reduz a um conjunto de técnicas neutras, mas expressa escolhas teóricas, concepções de sociedade e compromissos intelectuais.

Ao longo de sua trajetória, a sociologia produziu múltiplos paradigmas explicativos. As teorias clássicas, formuladas por autores como Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel, estabeleceram os alicerces conceituais e metodológicos da disciplina, oferecendo interpretações distintas e, muitas vezes, concorrentes da modernidade. Essas abordagens inauguraram tradições teóricas duradouras, que continuam a orientar debates contemporâneos sobre desigualdade, racionalização, coesão social, conflito, cultura e poder. Longe de constituírem um legado superado, os clássicos permanecem centrais para a compreensão das dinâmicas sociais atuais.

A partir da segunda metade do século XX, a sociologia experimentou uma intensa diversificação teórica e metodológica. O surgimento de novas correntes — como o funcionalismo estrutural, a teoria da estruturação, a teoria dos sistemas sociais, a teoria da ação comunicativa, as sociologias do poder, da cultura e da identidade, bem

como as abordagens pós-estruturalistas e decoloniais — ampliou significativamente o repertório analítico da disciplina. Esse pluralismo teórico não representa uma fragilização da sociologia, mas antes uma resposta à crescente complexidade das sociedades contemporâneas, marcadas pela globalização, pela intensificação tecnológica, pela fragmentação identitária e pela persistência de desigualdades estruturais em escala global.

Um dos compromissos centrais desta obra é também valorizar a **tradição da sociologia brasileira**, compreendida não como mera reprodução de paradigmas europeus ou norte-americanos, mas como um campo intelectual original, forjado a partir das especificidades históricas, sociais e culturais do Brasil. Desde os intérpretes da formação social até a consolidação da sociologia acadêmica crítica, o pensamento sociológico brasileiro produziu contribuições relevantes para a compreensão da modernidade periférica, da dependência, do racismo estrutural, da desigualdade social e das formas particulares de articulação entre Estado, mercado e sociedade civil.

Por fim, o livro dedica atenção ao **ensino de sociologia**, entendido não apenas como prática pedagógica, mas como dimensão constitutiva da reprodução e da renovação do pensamento sociológico. O ensino da

disciplina envolve disputas curriculares, concepções de conhecimento, projetos de formação e estratégias de emancipação intelectual. Ao refletir sobre o ensino de sociologia, esta obra reafirma o papel da disciplina na formação crítica dos sujeitos e na construção de uma compreensão reflexiva da realidade social.

Destinado prioritariamente a estudantes de graduação, pós-graduação, pesquisadores e docentes da área de ciências sociais, este livro busca oferecer uma contribuição teórica consistente para o debate sociológico contemporâneo. Ao articular epistemologia, teoria, método, tradição nacional e ensino, a obra pretende reforçar a compreensão da sociologia como uma ciência plural, crítica e historicamente situada, capaz de interpretar as complexidades do mundo social e de refletir sobre suas próprias condições de produção.



**FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA: EPISTEMOLOGIA,  
TEORIA, MÉTODO E ENSINO**



**FUNDAMENTALS OF SOCIOLOGY: EPISTEMOLOGY,  
THEORY, METHOD AND TEACHING**



**FUNDAMENTOS DE LA SOCIOLOGÍA: EPISTEMOLOGÍA,  
TEORÍA, MÉTODO Y ENSEÑANZA**

## CAPÍTULO 01

### **EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

## EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS

A epistemologia das ciências sociais constitui um dos pilares fundamentais para a compreensão da sociologia enquanto campo científico autônomo. Diferentemente de um debate meramente técnico sobre métodos de pesquisa, a epistemologia sociológica interroga as condições de possibilidade do conhecimento científico sobre a sociedade, examinando seus pressupostos teóricos, seus fundamentos históricos e suas implicações éticas e políticas. Trata-se, portanto, de uma reflexão crítica sobre como o conhecimento social é produzido, legitimado e mobilizado, bem como sobre os limites da objetividade em um campo marcado pela reflexividade.

Desde sua constituição no século XIX, a sociologia desenvolveu-se em diálogo tenso com o modelo das ciências naturais. Ao buscar afirmar-se como ciência, apropriou-se de procedimentos como a observação empírica, a sistematização conceitual e a explicação racional. Contudo, deparou-se com um

objeto singular: a própria sociedade, composta por sujeitos dotados de consciência, valores, interesses e capacidade de ação. Essa condição torna o conhecimento sociológico inevitavelmente reflexivo, pois o pesquisador é simultaneamente observador e parte da realidade investigada. Tal especificidade impõe desafios epistemológicos próprios, que atravessam toda a história da disciplina.

Entre os dilemas fundacionais da epistemologia sociológica, destacam-se as tensões entre objetividade e subjetividade, explicação causal e compreensão interpretativa, bem como o debate sobre neutralidade científica e engajamento crítico. Esses dilemas não constituem problemas superados, mas elementos estruturantes do campo, reaparecendo de forma renovada nas diferentes tradições teóricas que compõem a sociologia.

Historicamente, uma das primeiras tentativas sistemáticas de fundamentar epistemologicamente o estudo científico da

sociedade foi o positivismo. Formulado por Auguste Comte, o positivismo defendia que a sociedade poderia ser estudada de maneira objetiva, à semelhança dos fenômenos naturais, desde que se abandonassem explicações metafísicas e especulativas. Para Comte, o conhecimento científico deveria basear-se na observação empírica e na busca de regularidades, orientando-se pela máxima “ver para prever” (COMTE, 1978). Embora esse paradigma tenha sido decisivo para a institucionalização da sociologia, suas limitações tornaram-se evidentes, sobretudo no que diz respeito à redução da complexidade social a relações causais lineares e à desconsideração dos significados subjetivos da ação.

Em contraposição ao positivismo, desenvolveu-se a tradição dialética, cuja formulação moderna encontra em Karl Marx um de seus principais referenciais. A epistemologia marxiana rompe com a ideia de uma realidade social harmônica e estática, concebendo a sociedade como um processo histórico marcado por contradições

estruturais. Em *A Ideologia Alemã*, Marx afirma que “as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes” (MARX, 2007), evidenciando que a produção do conhecimento está inscrita em relações materiais e de poder. Em *O Capital*, Marx demonstra que o método da economia política consiste em ascender do abstrato ao concreto, articulando categorias teóricas e análise histórica para revelar as estruturas ocultas da dominação capitalista (MARX, 2013). A epistemologia marxiana, portanto, rejeita a neutralidade científica e articula teoria e práxis, inaugurando uma tradição crítica que influenciaria profundamente a sociologia do século XX.

Outro deslocamento epistemológico relevante ocorre com a emergência da fenomenologia e da hermenêutica. A fenomenologia, associada a Edmund Husserl, propõe a suspensão de pressupostos explicativos prévios para compreender os fenômenos tal como se apresentam à consciência (HUSSERL, 2000).

Embora não se configure como uma sociologia propriamente dita, essa perspectiva influenciou abordagens compreensivas ao enfatizar a experiência vivida e a constituição do sentido. A hermenêutica, por sua vez, desenvolve-se como teoria da interpretação dos significados culturais e históricos da ação humana. Essa tradição encontra expressão sociológica central na obra de Max Weber.

Weber propõe a sociologia como uma ciência da ação social, que busca compreender interpretativamente o sentido atribuído pelos indivíduos às suas ações e, a partir disso, explicá-las causalmente (WEBER, 2004). Ao reconhecer que a escolha dos objetos de pesquisa é orientada por valores, Weber rejeita a possibilidade de uma neutralidade absoluta do conhecimento. Contudo, defende a neutralidade axiológica no momento da análise, como condição para o rigor científico. Essa posição, desenvolvida em textos como *A objetividade do conhecimento nas*

*ciências sociais* (WEBER, 2001), confere à epistemologia weberiana um caráter ambíguo e sofisticado, situado entre a objetividade metodológica e a consciência histórica dos limites da ciência.

Émile Durkheim ocupa uma posição singular na epistemologia sociológica. Em *As Regras do Método Sociológico*, Durkheim afirma que os fatos sociais devem ser tratados como coisas, defendendo a necessidade de romper com o senso comum e estabelecer procedimentos rigorosos de observação e análise (DURKHEIM, 2007). Em *O Suicídio*, demonstra empiricamente que fenômenos aparentemente individuais obedecem a causas sociais, utilizando dados estatísticos e comparações sistemáticas (DURKHEIM, 2000). Embora herde elementos do positivismo, Durkheim busca afirmar a autonomia da sociologia frente à psicologia e à filosofia, estabelecendo métodos próprios para o estudo da vida coletiva. Sua epistemologia combina rigor metodológico e compromisso normativo com a coesão social, o que

lhe rendeu tanto reconhecimento quanto críticas por subestimar conflitos e relações de poder.

Georg Simmel introduz outro deslocamento epistemológico ao propor uma sociologia voltada para as formas de interação social. Em *Sociologia*, Simmel afirma que a sociedade existe onde indivíduos entram em interação, deslocando o foco das grandes estruturas para as dinâmicas relacionais (SIMMEL, 2006). Em *A Filosofia do Dinheiro*, analisa como a economia monetária reconfigura as formas de sociabilidade e a cultura moderna (SIMMEL, 2009). Sua abordagem fragmentária e ensaística rompe com sistemas teóricos totalizantes, antecipando debates contemporâneos sobre pluralidade, diferenciação e fluidez social. Epistemologicamente, Simmel destaca a impossibilidade de apreender a totalidade social por meio de um único paradigma explicativo.

Ao longo do século XX, a epistemologia das ciências sociais se complexifica com o surgimento de correntes críticas e reflexivas. A Escola de Frankfurt, especialmente em *Dialética do Esclarecimento*, denuncia os limites da racionalidade instrumental e a conversão da ciência em instrumento de dominação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Para esses autores, o conhecimento científico não pode ser separado das estruturas sociais que o produzem. Jürgen Habermas, ao reformular essa tradição, propõe uma epistemologia fundada na distinção entre interesses cognitivos e na racionalidade comunicativa, desenvolvida em *Conhecimento e Interesse* (HABERMAS, 2014) e *Teoria do Agir Comunicativo* (HABERMAS, 2012). Para Habermas, o conhecimento orientado para o entendimento mútuo possui potencial emancipador, desde que não seja colonizado pelas lógicas sistêmicas do poder e do dinheiro.

A reflexividade epistemológica ganha centralidade na obra de Pierre Bourdieu. Ao analisar o campo científico como espaço de

disputas simbólicas, Bourdieu demonstra que a produção do conhecimento está atravessada por relações de poder, capitais específicos e posições sociais (BOURDIEU, 2004). Em *O Poder Simbólico*, o autor evidencia que a objetividade científica exige a análise das condições sociais de produção do próprio conhecimento (BOURDIEU, 1989). Sua epistemologia busca superar tanto o objetivismo ingênuo quanto o subjetivismo relativista, articulando rigor científico e crítica social.

Na contemporaneidade, a epistemologia das ciências sociais enfrenta novos desafios. O pós-estruturalismo questiona as metanarrativas e a pretensão de universalidade do conhecimento científico, enfatizando a multiplicidade de discursos e formas de poder. Michel Foucault, ao analisar a relação entre saber e poder, demonstra que não há conhecimento neutro, pois todo saber está implicado em regimes de verdade historicamente situados (FOUCAULT, 2008). Paralelamente, as epistemologias decoloniais,

como as formuladas por Boaventura de Sousa Santos, denunciam o eurocentrismo que estruturou as ciências sociais modernas e reivindicam a valorização de saberes produzidos no Sul Global (SANTOS, 2010).

Nesse cenário, a epistemologia sociológica contemporânea não se organiza em torno de um paradigma único, mas assume um caráter plural e reflexivo. Longe de representar uma crise da sociologia, esse pluralismo expressa a complexidade do mundo social e a necessidade de múltiplas ferramentas analíticas para compreendê-lo. A epistemologia deixa de ser apenas um debate fundacional e passa a constituir um exercício permanente de autocrítica, no qual a sociologia interroga continuamente seus pressupostos, métodos e finalidades.

Ao situar a epistemologia das ciências sociais como eixo estruturante do pensamento sociológico, este capítulo estabelece as bases para os capítulos seguintes. A discussão metodológica, teórica

e aplicada que se seguirá será orientada pela compreensão de que todo conhecimento social é historicamente situado, teoricamente orientado e epistemologicamente comprometido. Assim, a epistemologia não aparece como um capítulo isolado, mas como o fio condutor que confere unidade e coerência a toda a obra.

## CAPÍTULO 02

### **METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA EM SOCIOLOGIA**

## METODOLOGIA E TÉCNICAS DE PESQUISA EM SOCIOLOGIA

A metodologia em sociologia ocupa posição central na constituição da disciplina enquanto ciência, pois diz respeito não apenas aos procedimentos técnicos de investigação, mas às formas pelas quais o conhecimento social é produzido, validado e interpretado. Longe de se reduzir a um conjunto instrumental de técnicas, a metodologia sociológica expressa escolhas epistemológicas, orientações teóricas e compromissos intelectuais com determinadas concepções de sociedade. Nesse sentido, método e teoria não se apresentam como dimensões separadas, mas como instâncias profundamente articuladas no processo de produção do conhecimento.

Desde sua formação no século XIX, a sociologia desenvolveu uma pluralidade de métodos de pesquisa, em resposta à complexidade de seu objeto. A vida social não se deixa apreender

por um único procedimento investigativo, exigindo abordagens diversas que deem conta tanto das estruturas macro sociais quanto das experiências subjetivas e das interações cotidianas. Essa pluralidade metodológica não representa fragilidade científica, mas antes uma das principais forças da sociologia enquanto campo reflexivo e crítico.

A metodologia sociológica pode ser compreendida, de forma geral, a partir de três grandes orientações: a abordagem quantitativa, a abordagem qualitativa e as estratégias mistas. O método quantitativo caracteriza-se pelo uso de dados numéricos e técnicas estatísticas com o objetivo de identificar padrões, regularidades e relações entre variáveis sociais. Segundo Babbie (2005), esse tipo de abordagem permite a generalização dos resultados a partir de amostras representativas, sendo particularmente útil para análises de larga escala, como pesquisas

de opinião, estudos demográficos e investigações sobre estratificação social.

Em contraste, a abordagem qualitativa privilegia a compreensão interpretativa dos fenômenos sociais, buscando captar significados, práticas e experiências vividas pelos sujeitos. Para Minayo (2014), a pesquisa qualitativa é especialmente adequada para compreender processos sociais complexos, nos quais os sentidos atribuídos pelos atores desempenham papel central. Essa perspectiva aproxima-se das tradições compreensivas e hermenêuticas da sociologia, nas quais a interpretação dos significados sociais ocupa lugar fundamental.

Entre essas duas orientações, desenvolvem-se as estratégias metodológicas mistas, que combinam técnicas quantitativas e qualitativas. De acordo com Flick (2009), a articulação entre diferentes métodos amplia a capacidade analítica da pesquisa sociológica, permitindo captar simultaneamente dimensões

estruturais e subjetivas da realidade social. O uso de métodos mistos tem se consolidado como prática recorrente na sociologia contemporânea, especialmente em estudos que buscam articular micro e macroanálises.

As técnicas de pesquisa constituem os instrumentos operacionais por meio dos quais os métodos se materializam. Entre as principais técnicas qualitativas, destaca-se a observação, especialmente em sua modalidade participante. Becker (1999) define a observação como técnica central da pesquisa qualitativa, pois permite ao pesquisador compartilhar, ainda que parcialmente, do universo social investigado, compreendendo práticas e significados em seu contexto. A observação é amplamente utilizada em estudos etnográficos, pesquisas sobre sociabilidade, cultura e cotidiano.

Outra técnica fundamental é a entrevista, que pode assumir diferentes formatos — estruturada, semiestruturada ou não

estruturada. Gil (2008) destaca que a entrevista constitui uma das técnicas mais eficazes para a obtenção de informações sobre atitudes, percepções e experiências dos indivíduos. Ao permitir a interação direta entre pesquisador e entrevistado, essa técnica possibilita o aprofundamento interpretativo e a exploração de dimensões subjetivas da vida social.

No campo das pesquisas quantitativas, os questionários e os levantamentos do tipo survey ocupam posição de destaque. Para Babbie (2005), os surveys permitem a coleta sistemática de dados junto a grandes populações, possibilitando análises comparativas e inferências estatísticas. Essa técnica foi amplamente utilizada desde os primórdios da sociologia empírica e permanece central em estudos sobre opinião pública, mobilidade social e comportamento político.

A análise documental constitui outra técnica relevante na pesquisa sociológica. Consiste no exame sistemático de documentos

oficiais, registros históricos, textos institucionais, legislações, relatórios e outros materiais produzidos socialmente. Segundo Cellard (2008), o documento deve ser compreendido simultaneamente como testemunho do passado e fonte de dados para a compreensão do presente. Essa técnica é particularmente importante em pesquisas históricas, institucionais e políticas.

Entre as técnicas qualitativas coletivas, destacam-se os grupos focais, definidos por Morgan (1997) como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio da interação de um grupo em torno de um tema específico. Os grupos focais permitem observar a construção coletiva de sentidos e a dinâmica das interações sociais, sendo amplamente utilizados em estudos sobre cultura, consumo e políticas públicas. Os estudos de caso, por sua vez, possibilitam a análise aprofundada de fenômenos particulares em seu contexto real, permitindo compreender processos complexos e singulares (YIN, 2001).

A pesquisa sociológica deve ser orientada por princípios éticos fundamentais. O respeito ao consentimento informado, ao anonimato dos participantes e à responsabilidade social do pesquisador constitui condição indispensável para a legitimidade da investigação científica. Bourdieu (1997) ressalta que a objetividade científica não se limita à neutralidade axiológica, mas exige uma ética da responsabilidade com os sujeitos pesquisados e com os efeitos sociais do conhecimento produzido.

A diversidade metodológica da sociologia está diretamente relacionada às diferentes tradições teóricas que compõem o campo. Karl Marx fundamentou sua investigação no materialismo histórico e dialético, enfatizando a análise das estruturas econômicas e das contradições sociais. Em *O Capital*, Marx afirma que o método da economia política consiste em ascender do abstrato ao concreto, articulando categorias teóricas e análise empírica da realidade histórica (MARX, 2013). Sua pesquisa baseou-se amplamente na

análise documental, em dados estatísticos e em relatórios históricos, inaugurando uma tradição crítica de investigação social.

Émile Durkheim consolidou uma metodologia sociológica marcada pelo rigor empírico e pela análise causal. Ao defender que os fatos sociais devem ser tratados como coisas, Durkheim estabelece a necessidade de observação objetiva e de comparação sistemática (DURKHEIM, 2007). Em *O Suicídio*, utiliza estatísticas oficiais para demonstrar como variáveis sociais influenciam comportamentos individuais, inaugurando o uso sistemático de métodos quantitativos na sociologia (DURKHEIM, 2000).

Max Weber introduz o método compreensivo, enfatizando a interpretação dos sentidos atribuídos pelos indivíduos às suas ações. Para Weber, a sociologia deve combinar compreensão interpretativa e explicação causal, utilizando instrumentos analíticos como os tipos ideais (WEBER, 2004). Em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Weber articula análise

histórica, documental e comparativa para demonstrar a relação entre valores religiosos e desenvolvimento econômico (WEBER, 2004).

Georg Simmel desenvolve uma metodologia voltada para a análise das formas de interação social. Sua abordagem, predominantemente qualitativa e interpretativa, privilegia a observação das dinâmicas microsociais e das formas de sociabilidade que estruturam a vida moderna (SIMMEL, 2006). Ao evitar sistemas teóricos fechados, Simmel inaugura uma perspectiva metodológica sensível à fragmentação e à pluralidade da experiência social.

No século XX, Talcott Parsons desenvolve uma abordagem teórico-dedutiva associada ao funcionalismo estrutural. Sua metodologia prioriza a construção de modelos conceituais amplos, como o esquema AGIL, com o objetivo de explicar a integração e a estabilidade dos sistemas sociais (PARSONS, 2010). Embora

criticada por sua ênfase na ordem, essa perspectiva exerceu influência decisiva na sociologia norte-americana.

Pierre Bourdieu propõe uma articulação entre objetivismo e subjetivismo por meio dos conceitos de habitus, campo e capital. Metodologicamente, combina técnicas quantitativas e qualitativas, utilizando análises estatísticas multivariadas, entrevistas e observação (BOURDIEU, 1983). Em *A Distinção*, demonstra como as práticas culturais são condicionadas pela posição social, evidenciando a potência das estratégias metodológicas mistas (BOURDIEU, 2007).

Anthony Giddens, ao formular a teoria da estruturação, propõe uma metodologia capaz de articular ações cotidianas e estruturas sociais mais amplas. Para o autor, a pesquisa sociológica deve superar a dicotomia entre micro e macroanálise, investigando a co-constituição entre agência e estrutura (GIDDENS, 2003).

Jürgen Habermas desenvolve uma metodologia orientada pela análise dos processos comunicativos e discursivos. Em *Teoria do Agir Comunicativo*, defende que a racionalidade comunicativa deve constituir o foco da investigação social, privilegiando o estudo das interações mediadas pela linguagem (HABERMAS, 2012). Niklas Luhmann, por sua vez, propõe uma abordagem sistêmica, baseada na observação de segunda ordem e na análise dos processos comunicativos que estruturam os sistemas sociais (LUHMANN, 2016).

A pluralidade metodológica que emerge dessas diferentes tradições revela que não há um único caminho legítimo para a pesquisa sociológica. A escolha dos métodos e técnicas deve estar sempre articulada ao problema de pesquisa, ao referencial teórico adotado e às questões epistemológicas subjacentes. Nesse sentido, a metodologia sociológica não se apresenta como um manual de procedimentos, mas como um campo reflexivo que exige do

pesquisador consciência crítica de suas escolhas e de suas implicações.

Ao consolidar a metodologia como dimensão constitutiva do conhecimento sociológico, este capítulo estabelece a ponte entre a epistemologia discutida no capítulo anterior e as teorias sociológicas que serão analisadas nos capítulos seguintes. A metodologia aparece, assim, como mediação fundamental entre teoria e realidade empírica, reafirmando o caráter plural, crítico e historicamente situado da sociologia enquanto ciência.

## CAPÍTULO 03

### **TEORIA CLÁSSICA DA SOCIOLOGIA**

## TEORIA CLÁSSICA DA SOCIOLOGIA

A teoria clássica da sociologia constitui o núcleo fundacional da disciplina e permanece como referência indispensável para a compreensão das transformações sociais da modernidade. Longe de representar um conjunto homogêneo de ideias, a sociologia clássica emerge como um campo plural, atravessado por diferentes concepções de sociedade, método e conhecimento. Karl Marx, Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel elaboraram interpretações distintas — e muitas vezes tensionadas — acerca da constituição do mundo moderno, oferecendo modelos analíticos que continuam a orientar o pensamento sociológico contemporâneo.

O surgimento dessas teorias está profundamente ligado ao contexto histórico do século XIX e início do século XX, marcado pela Revolução Industrial, pela consolidação do capitalismo, pela urbanização acelerada, pela formação do Estado moderno e pela

reconfiguração das relações sociais tradicionais. A sociologia nasce, assim, como esforço intelectual de compreensão de uma sociedade em transformação, caracterizada pela intensificação dos conflitos, pela fragmentação das formas de vida e pela emergência de novas estruturas econômicas, políticas e culturais.

Karl Marx ocupa lugar central na teoria clássica da sociologia ao formular uma interpretação materialista da história e da sociedade. Para Marx, a estrutura econômica constitui a base sobre a qual se erguem as formas jurídicas, políticas e ideológicas. Em *Contribuição à Crítica da Economia Política*, Marx afirma que “não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, o seu ser social que determina a sua consciência” (MARX, 2008). Essa afirmação sintetiza o núcleo do materialismo histórico, segundo o qual as relações sociais de produção condicionam as formas de vida social.

Em *O Capital*, Marx desenvolve uma análise crítica do modo de produção capitalista, demonstrando como a exploração do trabalho assalariado se realiza por meio da extração da mais-valia (MARX, 2013). A teoria do valor-trabalho constitui o eixo de sua crítica da economia política, ao revelar que o lucro capitalista resulta da apropriação privada do trabalho excedente. Conceitos como alienação, fetichismo da mercadoria, trabalho vivo e trabalho morto permitem compreender como as relações sociais assumem a forma de relações entre coisas, ocultando as estruturas de dominação subjacentes.

A luta de classes ocupa posição central na teoria marxiana. Em *O Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels afirmam que “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes” (MARX; ENGELS, 2008). Essa perspectiva rompe com explicações harmoniosas da ordem social, concebendo o conflito como motor da transformação histórica. A teoria marxiana

inaugura, assim, uma tradição crítica que articula análise estrutural, historicidade e compromisso político, influenciando profundamente o desenvolvimento da sociologia e das ciências sociais no século XX.

Émile Durkheim, por sua vez, desenvolve uma teoria sociológica orientada pela preocupação com a coesão social e a ordem. Em *As Regras do Método Sociológico*, Durkheim define o fato social como toda maneira de agir, pensar ou sentir exterior ao indivíduo e dotada de poder coercitivo (DURKHEIM, 2007). Essa definição fundamenta sua proposta de tratar os fatos sociais como coisas, estabelecendo a necessidade de um método próprio para a sociologia, distinto da psicologia e da filosofia.

Em *Da Divisão do Trabalho Social*, Durkheim analisa as transformações da solidariedade social na passagem das sociedades tradicionais para as sociedades modernas. Enquanto nas sociedades simples predomina a solidariedade mecânica, baseada na

semelhança entre os indivíduos, nas sociedades complexas emerge a solidariedade orgânica, fundada na diferenciação funcional e na interdependência social (DURKHEIM, 1999). Essa análise revela a preocupação durkheimiana com os mecanismos de integração social em contextos de crescente especialização.

A obra *O Suicídio* constitui um dos exemplos mais emblemáticos do método durkheimiano. Ao demonstrar que as taxas de suicídio variam de acordo com o grau de integração e regulação social, Durkheim evidencia que fenômenos aparentemente individuais possuem causas sociais (DURKHEIM, 2000). Sua tipologia do suicídio — egoísta, altruísta, anômico e fatalista — expressa a centralidade da moral social e das normas coletivas na explicação do comportamento humano. Embora criticada por subestimar conflitos e desigualdades, a teoria durkheimiana estabelece bases sólidas para a sociologia enquanto ciência empírica da vida social.

Max Weber introduz um deslocamento fundamental na teoria sociológica ao propor a sociologia como uma ciência da ação social. Para Weber, a tarefa da sociologia consiste em compreender interpretativamente o sentido atribuído pelos indivíduos às suas ações e, a partir disso, explicá-las causalmente (WEBER, 2004). Essa abordagem, conhecida como sociologia compreensiva, enfatiza a dimensão subjetiva da ação social, sem abdicar do rigor analítico.

Em *Economia e Sociedade*, Weber define quatro tipos ideais de ação social: ação racional com relação a fins, ação racional com relação a valores, ação tradicional e ação afetiva (WEBER, 2004). Esses tipos ideais não correspondem a ações empíricas puras, mas constituem instrumentos analíticos que permitem comparar e interpretar a realidade social. O conceito de tipo ideal ocupa posição central na epistemologia e na metodologia weberiana, funcionando como construção teórica orientadora da análise.

Outra contribuição fundamental de Weber encontra-se em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, na qual o autor demonstra a afinidade eletiva entre determinadas formas de ética religiosa protestante e o desenvolvimento do capitalismo moderno (WEBER, 2004). Ao enfatizar a racionalização das condutas e a ascese intramundana, Weber revela que o capitalismo não pode ser explicado exclusivamente por fatores econômicos, mas envolve também dimensões culturais e simbólicas.

Weber também desenvolve uma tipologia da dominação legítima, distinguindo dominação tradicional, carismática e legal-racional (WEBER, 2004). A dominação legal-racional, característica da modernidade, encontra sua expressão mais acabada na burocracia, que se fundamenta em regras formais, hierarquias e competências técnicas. Embora reconheça a eficiência da racionalização burocrática, Weber alerta para seus efeitos

paradoxais, sintetizados na metáfora da “jaula de ferro”, que aprisiona os indivíduos em estruturas impessoais e instrumentais.

Georg Simmel ocupa posição singular na teoria clássica da sociologia ao deslocar o foco das grandes estruturas para as formas de interação social. Em *Sociologia*, Simmel afirma que a sociedade existe onde indivíduos entram em interação, independentemente dos conteúdos específicos dessas relações (SIMMEL, 2006). Essa perspectiva permite analisar fenômenos como conflito, cooperação, dominação e troca como formas sociais recorrentes.

Em *A Filosofia do Dinheiro*, Simmel investiga os efeitos da economia monetária sobre a cultura e a vida moderna, demonstrando como o dinheiro promove relações impessoais, calculistas e abstratas (SIMMEL, 2009). Sua análise antecipa debates contemporâneos sobre racionalização, individualização e fragmentação social. Epistemologicamente, Simmel recusa sistemas

teóricos totalizantes, adotando uma abordagem ensaística e plural, sensível à complexidade da experiência moderna.

Apesar de suas diferenças teóricas e metodológicas, Marx, Durkheim, Weber e Simmel compartilham a preocupação em compreender as transformações estruturais da modernidade. Marx enfatiza o conflito e a exploração econômica; Durkheim, a coesão moral e a ordem social; Weber, o sentido da ação e os processos de racionalização; Simmel, as formas de interação e a experiência subjetiva da vida moderna. Essas abordagens não se excluem mutuamente, mas oferecem perspectivas complementares para a análise da sociedade.

A atualidade da teoria clássica da sociologia reside justamente em sua capacidade de iluminar problemas contemporâneos, como desigualdade social, racionalização, fragmentação cultural e crise das formas tradicionais de integração. Longe de constituírem um legado superado, as teorias clássicas

permanecem como referências fundamentais para o pensamento sociológico, fornecendo categorias analíticas que continuam a ser reelaboradas e criticamente apropriadas pela sociologia contemporânea.

Ao retomar criticamente a teoria clássica, este capítulo estabelece as bases conceituais para a análise das correntes sociológicas contemporâneas, que serão abordadas no capítulo seguinte. A compreensão das contribuições e dos limites dos clássicos permite situar os deslocamentos teóricos posteriores e reafirma a centralidade da tradição sociológica na interpretação do mundo social.

## CAPÍTULO 04

### **TEORIA SOCIOLÓGICA CONTEMPORÂNEA**

## TEORIA SOCIOLOGICA CONTEMPORÂNEA

A teoria sociológica contemporânea constitui um campo plural e heterogêneo, marcado por deslocamentos conceituais e metodológicos que respondem às transformações profundas da sociedade a partir da segunda metade do século XX. Globalização, intensificação tecnológica, reconfiguração do capitalismo, fragmentação das identidades, crise ambiental e persistência das desigualdades desafiam os modelos explicativos herdados da sociologia clássica, exigindo novas categorias analíticas. Nesse contexto, a sociologia contemporânea não se organiza em torno de um paradigma único, mas como um mosaico teórico que articula continuidades e rupturas em relação às tradições fundacionais.

Um dos primeiros esforços de sistematização teórica no pós-guerra foi desenvolvido por Talcott Parsons. Em *O Sistema Social*, Parsons propõe o funcionalismo estrutural como modelo analítico capaz de explicar a integração e a estabilidade dos sistemas sociais (PARSONS, 2010). Sua teoria parte do pressuposto de que a sociedade é composta por subsistemas interdependentes, orientados por normas e valores compartilhados. O conhecido esquema AGIL — adaptação, alcance de metas, integração e manutenção de padrões latentes — expressa as funções

fundamentais que todo sistema social deve cumprir para se reproduzir. Embora criticada por seu caráter normativo e por subestimar conflitos e assimetrias de poder, a obra de Parsons exerceu influência decisiva na consolidação da sociologia como disciplina sistemática, especialmente no contexto norte-americano.

Em reação às limitações do funcionalismo, emergem teorias preocupadas em superar a dicotomia entre estrutura e ação. Nesse sentido, a contribuição de Pierre Bourdieu ocupa lugar central na teoria sociológica contemporânea. Em *O Senso Prático*, Bourdieu propõe uma teoria praxiológica que articula estruturas objetivas e disposições subjetivas por meio do conceito de habitus (BOURDIEU, 2007). O habitus designa um sistema de disposições duráveis e transponíveis, socialmente constituído, que orienta percepções, práticas e julgamentos. Complementarmente, o conceito de campo permite compreender a sociedade como um espaço relacional de posições em disputa, estruturado pela distribuição desigual de diferentes formas de capital — econômico, cultural, social e simbólico (BOURDIEU, 2004).

Em *O Poder Simbólico*, Bourdieu demonstra que a dominação social não se exerce apenas por meios coercitivos, mas também por mecanismos simbólicos que naturalizam as desigualdades (BOURDIEU, 1989). Sua teoria oferece instrumentos analíticos

fundamentais para compreender a reprodução social em sociedades que se pretendem meritocráticas, influenciando amplamente pesquisas empíricas contemporâneas. Epistemologicamente, a exigência de reflexividade — isto é, a análise das condições sociais de produção do conhecimento — constitui um dos aportes mais relevantes de Bourdieu à sociologia contemporânea.

Anthony Giddens também se insere no esforço de superar a dicotomia entre estrutura e agência. Em *A Constituição da Sociedade*, o autor formula a teoria da estruturação, segundo a qual as estruturas sociais são simultaneamente meio e resultado das práticas sociais que organizam os sistemas sociais (GIDDENS, 2003). Para Giddens, as estruturas não existem como entidades externas e coercitivas, mas são continuamente reproduzidas pela ação reflexiva dos agentes. Posteriormente, em *As Consequências da Modernidade*, o autor analisa a modernidade tardia como uma ordem social marcada pela reflexividade, pela desancoragem das relações sociais no tempo e no espaço e pela centralidade dos sistemas peritos (GIDDENS, 1991). Sua obra contribui para compreender o dinamismo e a instabilidade das sociedades contemporâneas.

Jürgen Habermas representa um dos mais importantes desdobramentos da tradição crítica no século XX. Em *Teoria do Agir Comunicativo*, Habermas distingue a racionalidade instrumental, orientada ao controle e à eficiência, da racionalidade comunicativa, fundada no entendimento mútuo mediado pela linguagem (HABERMAS, 2012). Para o autor, a sociedade moderna se organiza em dois níveis: o sistema, regulado por mecanismos como o poder e o dinheiro, e o mundo da vida, sustentado por processos comunicativos. A colonização do mundo da vida pelo sistema constitui, para Habermas, uma das patologias centrais da modernidade. Em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, o autor enfatiza a importância da esfera pública como espaço de deliberação democrática (HABERMAS, 2003). Sua teoria recoloca a normatividade no centro da sociologia, ao defender o potencial emancipador da comunicação.

Em contraste com Habermas, Niklas Luhmann desenvolve uma teoria radicalmente sistêmica da sociedade. Em *Sistemas Sociais*, Luhmann propõe que a sociedade não é composta por indivíduos ou ações, mas por comunicações (LUHMANN, 2016). Inspirado no conceito de autopoiese, o autor argumenta que os sistemas sociais se autorreproduzem por meio de operações comunicativas próprias, operando de forma operacionalmente

fechada e cognitivamente aberta ao ambiente. A diferenciação funcional — direito, política, economia, ciência, religião — constitui o princípio organizador da sociedade moderna. Embora criticada por excluir sujeitos e experiências, a teoria de Luhmann oferece um modelo analítico sofisticado para compreender a complexidade e a fragmentação das sociedades contemporâneas.

Outro deslocamento decisivo na teoria sociológica contemporânea ocorre com a obra de Michel Foucault. Em *Vigiar e Punir*, Foucault analisa as formas modernas de disciplinamento dos corpos, demonstrando como o poder se exerce de maneira difusa e capilar nas instituições sociais (FOUCAULT, 1987). Posteriormente, em *Microfísica do Poder*, o autor desenvolve a noção de que poder e saber são indissociáveis, rompendo com concepções que localizam o poder exclusivamente no Estado (FOUCAULT, 2008). A análise foucaultiana da biopolítica revela como o poder moderno atua sobre populações, regulando a vida, a saúde e a produtividade. Sua contribuição redefine a sociologia do poder, deslocando o foco das estruturas macro para os dispositivos e práticas cotidianas.

Zygmunt Bauman oferece uma interpretação sociológica da contemporaneidade marcada pela noção de fluidez. Em *Modernidade Líquida*, Bauman argumenta que as estruturas sólidas da modernidade industrial foram substituídas por relações

instáveis, precárias e transitórias (BAUMAN, 2001). O trabalho, os vínculos afetivos e as identidades tornam-se frágeis, produzindo insegurança e individualização. Em suas análises sobre consumo e globalização, Bauman evidencia as contradições entre uma elite global móvel e populações locais cada vez mais vulneráveis. Sua obra contribui para compreender os efeitos subjetivos e sociais da globalização neoliberal.

Judith Butler introduz um deslocamento epistemológico e teórico fundamental ao problematizar as categorias de gênero e identidade. Em *Problemas de Gênero*, Butler propõe a noção de performatividade, segundo a qual o gênero não é uma essência natural, mas o efeito reiterado de práticas discursivas e normativas (BUTLER, 2019). Essa perspectiva desconstrói concepções naturalizadas de identidade e amplia o campo da sociologia ao incorporar debates sobre sexualidade, reconhecimento e poder simbólico. Sua obra tornou-se central para os estudos de gênero e para a crítica das normas sociais hegemônicas.

No campo do pensamento crítico latino-americano, Aníbal Quijano formula o conceito de colonialidade do poder, evidenciando a persistência de estruturas coloniais na organização do trabalho, do saber e da autoridade, mesmo após o fim formal do colonialismo (QUIJANO, 2005). Essa perspectiva revela os limites

eurocêntricos das teorias sociais clássicas e contemporâneas, abrindo caminho para epistemologias decoloniais. Em diálogo com essa tradição, Boaventura de Sousa Santos defende a necessidade de uma justiça cognitiva global, capaz de reconhecer a pluralidade de saberes e experiências historicamente silenciadas (SANTOS, 2010).

A teoria sociológica contemporânea, portanto, caracteriza-se menos pela busca de um modelo unificado e mais pela coexistência de múltiplas perspectivas analíticas. Estrutura e agência, poder e comunicação, sistema e mundo da vida, identidade e diferença constituem eixos centrais que atravessam os debates atuais. Esse pluralismo não representa uma crise da sociologia, mas a expressão de sua capacidade de responder criticamente às transformações do mundo social.

Ao articular essas diferentes correntes, este capítulo demonstra que a sociologia contemporânea mantém um diálogo permanente com a tradição clássica, ao mesmo tempo em que produz deslocamentos teóricos necessários para compreender a complexidade das sociedades atuais. Essa herança crítica e plural constitui o fundamento para a análise da sociologia brasileira, tema do próximo capítulo.

CAPÍTULO 05

**SOCIOLOGIA BRASILEIRA**

## SOCIOLOGIA BRASILEIRA

A sociologia brasileira constitui-se como tradição intelectual singular no interior das ciências sociais, marcada pelo esforço contínuo de compreender a formação histórica, social e cultural de um país periférico, desigual e profundamente atravessado por heranças coloniais. Diferentemente das experiências europeias, nas quais a sociologia emergiu em sociedades centrais do capitalismo, o pensamento sociológico brasileiro desenvolveu-se em diálogo crítico com problemas específicos, como a escravidão, a colonização, o racismo, a dependência econômica, a modernização conservadora e a fragilidade das instituições democráticas. Nesse sentido, a sociologia produzida no Brasil não pode ser compreendida como mera reprodução de paradigmas estrangeiros, mas como campo intelectual original, forjado a partir das contradições da formação social brasileira.

As primeiras reflexões de caráter sociológico no Brasil remontam ao final do século XIX e início do século XX, em um contexto marcado pela abolição da escravidão, pela Proclamação da República e pela busca de construção de uma identidade nacional. Autores como Sílvio Romero, Euclides da Cunha e Nina Rodrigues podem ser considerados precursores da sociologia brasileira, ainda que suas obras estejam profundamente atravessadas por pressupostos evolucionistas, positivistas e, em muitos casos, racialistas. Influenciados por teorias europeias do século XIX, esses autores buscaram explicar o “atraso” brasileiro a partir da mestiçagem, do clima e da herança racial, produzindo interpretações ambíguas que combinavam descrição empírica e determinismo biológico (ORTIZ, 1985).

Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, oferece uma análise densa da realidade social brasileira ao interpretar o sertanejo como produto de um meio hostil e de uma história marcada pela exclusão

(CUNHA, 2009). Embora atravessada por categorias evolucionistas, sua obra inaugura uma reflexão sociológica sobre o conflito entre Estado e populações marginalizadas. Nina Rodrigues, por sua vez, ao estudar a população negra e as religiões afro-brasileiras, contribuiu para o registro de práticas culturais até então marginalizadas, ainda que preso a uma perspectiva determinista racial (RODRIGUES, 2006). Esses autores expressam os limites e as contradições de uma sociologia nascente, fortemente influenciada pelo pensamento europeu e pelas ideologias raciais de seu tempo.

A partir da década de 1930, emerge uma geração de intérpretes da formação social brasileira que inaugura um novo patamar de reflexão sociológica. Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior elaboram interpretações abrangentes do Brasil, deslocando o foco da explicação racial para as dimensões históricas, econômicas e culturais da formação nacional. Em *Casa-Grande & Senzala*, Freyre analisa a sociedade patriarcal brasileira a

partir das relações entre senhores e escravizados, enfatizando a centralidade da família, do patriarcalismo e da miscigenação (FREYRE, 2006). Ao defender que a miscigenação não produziu degeneração, mas formas singulares de sociabilidade, Freyre rompe com o determinismo racial, embora tenha sido criticado por minimizar a violência estrutural da escravidão e por contribuir para a consolidação do mito da democracia racial.

Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, introduz o conceito de “homem cordial” para analisar a persistência de padrões personalistas e patrimonialistas na vida social e política brasileira (HOLANDA, 1995). Inspirado na sociologia compreensiva de Weber, Holanda demonstra como a dificuldade de separação entre esfera pública e privada compromete a consolidação de um Estado moderno racional-legal no Brasil. Sua análise evidencia as tensões entre tradição e modernidade,

oferecendo instrumentos conceituais fundamentais para a compreensão da cultura política brasileira.

Caio Prado Júnior, por sua vez, elabora uma interpretação marxista da formação social brasileira. Em *Formação do Brasil Contemporâneo*, o autor formula a tese do “sentido da colonização”, segundo a qual o Brasil foi estruturado como empreendimento voltado à exploração econômica para o mercado externo, e não à constituição de uma sociedade nacional autônoma (PRADO JÚNIOR, 2011). Essa leitura inaugura uma tradição crítica que articula história, economia e sociologia, influenciando profundamente os estudos sobre dependência e desenvolvimento no Brasil. Ao enfatizar a permanência das estruturas coloniais, Caio Prado contribui para compreender as desigualdades e assimetrias que marcam a sociedade brasileira contemporânea.

A consolidação da sociologia acadêmica no Brasil ocorre a partir da década de 1950, sobretudo com a institucionalização dos

cursos universitários e dos centros de pesquisa. Nesse contexto, Florestan Fernandes desempenha papel central ao estabelecer os fundamentos de uma sociologia científica crítica no país. Em *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, Florestan demonstra que a abolição da escravidão não foi acompanhada de políticas efetivas de inclusão social, resultando na marginalização estrutural da população negra (FERNANDES, 2008). Sua análise rompe com a ideia de harmonia racial, evidenciando o caráter estrutural do racismo no Brasil.

Em *A Revolução Burguesa no Brasil*, Florestan analisa o processo de modernização nacional como uma revolução incompleta, marcada pela conciliação entre elites e pela manutenção de estruturas autoritárias (FERNANDES, 1975). Essa interpretação revela a especificidade da formação capitalista brasileira, caracterizada pela combinação entre modernização econômica e exclusão social. A obra de Florestan consolida uma

tradição sociológica crítica comprometida com a análise das desigualdades e com a transformação social.

No campo da sociologia do desenvolvimento, Fernando Henrique Cardoso, em parceria com Enzo Faletto, formula a teoria da dependência, demonstrando que o desenvolvimento latino-americano ocorre de forma subordinada às dinâmicas do capitalismo internacional (CARDOSO; FALETTO, 1970). Essa perspectiva rompe com visões evolucionistas do desenvolvimento, evidenciando a articulação entre fatores internos e externos na reprodução das desigualdades. A teoria da dependência influenciou amplamente os estudos sociológicos e econômicos na América Latina, consolidando o Brasil como polo relevante de produção teórica.

Octávio Ianni aprofunda a análise das contradições do capitalismo dependente e do papel do Estado na reprodução das desigualdades sociais. Em obras como *Estado e Planejamento*

*Econômico no Brasil*, Ianni demonstra como a modernização econômica se articula a formas autoritárias de poder e a processos de exclusão social (IANNI, 1971). Sua sociologia articula economia, política e cultura, oferecendo uma leitura crítica da globalização e de seus impactos sobre as sociedades periféricas.

José de Souza Martins contribui de forma decisiva para a compreensão das formas de sociabilidade popular e da questão agrária no Brasil. Em *O Cativo da Terra*, o autor analisa a persistência de relações não capitalistas no interior do capitalismo brasileiro, evidenciando a coexistência entre estruturas arcaicas e modernas (MARTINS, 1990). Sua obra articula análise histórica, etnográfica e sociológica, ampliando o campo da sociologia rural e da sociologia da vida cotidiana.

Guerreiro Ramos propõe uma inflexão epistemológica fundamental ao defender a “redução sociológica” como método de produção de conhecimento crítico no Brasil. Em *A Redução*

*Sociológica*, Ramos critica a importação acrítica de teorias estrangeiras e defende a necessidade de adaptar os conceitos sociológicos às especificidades da realidade nacional (RAMOS, 1965). Sua proposta contribui para o debate sobre autonomia intelectual e descolonização do pensamento social.

Darcy Ribeiro articula reflexão sociológica, antropológica e educacional ao analisar a formação do povo brasileiro. Em *O Povo Brasileiro*, Darcy enfatiza a mestiçagem como processo histórico conflitivo, marcado pela violência colonial, mas também pela criatividade cultural (RIBEIRO, 1995). Sua obra reafirma a centralidade da educação como instrumento de emancipação social, dialogando com projetos de transformação nacional.

A sociologia brasileira, portanto, caracteriza-se por uma tradição crítica voltada à compreensão das especificidades da modernidade periférica. Dos precursores aos intérpretes clássicos e à sociologia acadêmica consolidada, observa-se um fio condutor: a

preocupação com a persistência das desigualdades, com os efeitos da colonização e com os limites da modernização capitalista. Ao articular teoria social, história e análise empírica, a sociologia brasileira não apenas interpreta a realidade nacional, mas também contribui de forma relevante para o debate sociológico internacional.

Ao retomar essa tradição, este capítulo evidencia que a sociologia brasileira constitui parte integrante do pensamento sociológico global, oferecendo categorias analíticas fundamentais para a compreensão de sociedades marcadas pela dependência, pela desigualdade e pela diversidade cultural. Essa herança crítica prepara o terreno para a reflexão sobre o ensino de sociologia, tema do capítulo seguinte.

CAPÍTULO 06

**ENSINO DE SOCIOLOGIA**

## ENSINO DE SOCIOLOGIA

O ensino de sociologia constitui uma dimensão estratégica da própria existência da disciplina enquanto campo científico e prática social. Mais do que um espaço de transmissão de conteúdos, o ensino de sociologia configura-se como processo de formação intelectual, política e cultural, no qual se disputam concepções de conhecimento, projetos de sociedade e formas de compreensão da realidade social. Nesse sentido, refletir teoricamente sobre o ensino de sociologia implica compreender a educação como fenômeno social, atravessado por relações de poder, desigualdades estruturais e disputas simbólicas.

Desde a constituição da sociologia como disciplina científica, a educação ocupa lugar central nas reflexões sociológicas. Para Durkheim, a educação desempenha papel fundamental na socialização dos indivíduos, sendo responsável pela transmissão de valores, normas e formas de solidariedade que garantem a coesão

social (DURKHEIM, 1978). A escola, nesse sentido, aparece como instituição-chave para a manutenção da ordem social, formando sujeitos adequados às exigências da vida coletiva. Essa concepção funcionalista, embora fundamental para a compreensão do papel integrador da educação, foi amplamente criticada por subestimar os conflitos sociais e as desigualdades estruturais reproduzidas no interior do sistema educacional.

Karl Marx, ao analisar a sociedade capitalista, oferece uma leitura crítica da educação ao situá-la no interior das relações de produção e da luta de classes. Embora não tenha elaborado uma teoria sistemática da educação, Marx aponta que a escola, no capitalismo, tende a reproduzir as condições materiais e ideológicas necessárias à manutenção da dominação de classe (MARX, 2007). Ao mesmo tempo, reconhece o potencial emancipador de uma educação crítica, capaz de produzir consciência histórica e social. Essa ambivalência inaugura uma tradição de análise crítica da

educação, posteriormente desenvolvida por autores neomarxistas e pela sociologia crítica.

Max Weber contribui para a compreensão do ensino ao analisar a educação como parte do processo de racionalização da vida social. Em seus estudos sobre burocracia e dominação legal-racional, Weber evidencia que a escola moderna se estrutura como espaço de certificação e legitimação social, no qual diplomas e credenciais funcionam como mecanismos de acesso a posições sociais (WEBER, 2004). A educação, nesse sentido, participa da produção de desigualdades ao legitimar hierarquias sob o discurso da meritocracia. A análise weberiana permite compreender a escola como instituição central da modernidade, articulada aos processos de racionalização e formalização da vida social.

Ao longo do século XX, a sociologia da educação se consolida como campo específico de investigação, incorporando contribuições de diferentes tradições teóricas. Um dos aportes mais

influentes é o de Pierre Bourdieu, cuja obra revela os mecanismos sutis de reprodução das desigualdades educacionais. Em *A Reprodução*, Bourdieu e Passeron demonstram que o sucesso escolar não depende apenas de mérito individual, mas do acesso desigual ao capital cultural valorizado pela escola (BOURDIEU; PASSERON, 2014). A escola, ao se apresentar como espaço neutro, legitima desigualdades sociais preexistentes, transformando privilégios sociais em méritos escolares.

Em *Os Herdeiros*, Bourdieu evidencia que os estudantes oriundos das classes dominantes possuem disposições culturais mais próximas às exigidas pelo sistema escolar, o que lhes confere vantagens simbólicas decisivas (BOURDIEU, 2013). Essa análise desmonta o mito da meritocracia e revela a função ideológica da educação nas sociedades capitalistas avançadas. Ao mesmo tempo, a sociologia de Bourdieu oferece instrumentos analíticos

fundamentais para pensar políticas educacionais voltadas à redução das desigualdades.

Outro referencial importante para a reflexão sobre o ensino de sociologia encontra-se na obra de Antonio Gramsci. Em seus *Cadernos do Cárcere*, Gramsci defende a ideia de uma escola unitária, capaz de articular formação intelectual e prática, superando a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual (GRAMSCI, 2006). Para o autor, o ensino deve contribuir para a formação de sujeitos críticos, capazes de superar o senso comum e atuar como intelectuais orgânicos na transformação da realidade social. A sociologia, nesse contexto, assume papel estratégico na formação da consciência crítica.

Paulo Freire oferece uma das contribuições mais influentes para a reflexão sobre o ensino no contexto brasileiro. Em *Pedagogia da Autonomia*, Freire afirma que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as condições para sua produção crítica

(FREIRE, 1996). Sua pedagogia dialógica rompe com modelos autoritários de ensino e enfatiza o diálogo, a problematização da realidade e o respeito aos saberes dos educandos. Embora não seja um sociólogo stricto sensu, Freire exerce influência decisiva sobre o ensino de sociologia ao defender uma educação comprometida com a emancipação social.

A Escola de Frankfurt também contribui para a análise crítica da educação ao denunciar os efeitos da racionalidade instrumental sobre os processos formativos. Em *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer demonstram como a educação pode ser capturada pela lógica da indústria cultural, produzindo conformismo e esvaziamento crítico (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Posteriormente, Adorno defende uma educação voltada à emancipação, capaz de resistir às formas autoritárias e totalitárias de dominação (ADORNO, 2003). Jürgen Habermas, ao desenvolver a teoria da ação comunicativa, recoloca a educação como espaço

potencial de formação de sujeitos capazes de participar de processos democráticos de deliberação (HABERMAS, 2012).

No contexto brasileiro, o ensino de sociologia enfrenta desafios específicos relacionados à história recente da disciplina. Após períodos de exclusão e intermitência no currículo escolar, a sociologia retorna como componente obrigatório do ensino médio com a Lei nº 11.684/2008. Esse processo resulta de lutas acadêmicas e políticas que reconhecem a importância da sociologia na formação cidadã. O ensino da disciplina passa a ser orientado por diretrizes curriculares que enfatizam o desenvolvimento do pensamento crítico, a compreensão das desigualdades sociais e o respeito à diversidade cultural.

Autores como Florestan Fernandes enfatizam que a educação no Brasil está profundamente condicionada pelas desigualdades sociais e raciais, o que impõe limites estruturais ao ensino democrático (FERNANDES, 1989). A sociologia, ao ser

ensinada na escola, pode desempenhar papel decisivo na desnaturalização dessas desigualdades, contribuindo para a formação de uma consciência social crítica. Nesse sentido, o ensino de sociologia não deve restringir-se à apresentação de teorias e conceitos, mas articular o conhecimento sociológico às experiências concretas dos estudantes.

Do ponto de vista pedagógico, o ensino de sociologia exige metodologias que valorizem a pesquisa, a problematização e a reflexão coletiva. Transformar a sala de aula em espaço de investigação sociológica implica estimular os estudantes a observar, questionar e interpretar a realidade social a partir de ferramentas conceituais da disciplina. Práticas como projetos de pesquisa, análise de dados, debates orientados e estudos de caso contribuem para o desenvolvimento da autonomia intelectual e da capacidade crítica.

A formação do professor de sociologia constitui outro elemento central para a qualidade do ensino. Para além do domínio teórico, o docente precisa articular conhecimentos sociológicos, didáticos e pedagógicos, sendo capaz de dialogar com contextos escolares diversos e com as múltiplas realidades sociais dos estudantes. A formação continuada e o compromisso ético com a educação pública e democrática são condições indispensáveis para que o ensino de sociologia cumpra sua função social.

Os processos avaliativos também devem ser repensados à luz dos objetivos formativos da disciplina. Avaliações centradas exclusivamente na memorização de conceitos tendem a esvaziar o potencial crítico da sociologia. Em contrapartida, a avaliação formativa e continuada permite acompanhar o desenvolvimento das capacidades analíticas, reflexivas e interpretativas dos estudantes, reforçando o caráter emancipador do ensino.

O ensino de sociologia, portanto, situa-se na intersecção entre ciência, educação e política. Ao formar sujeitos capazes de compreender criticamente a sociedade em que vivem, a sociologia contribui para o fortalecimento da democracia e para a ampliação da consciência social. Em contextos marcados por desigualdades, autoritarismos e desinformação, o ensino de sociologia assume papel ainda mais relevante, reafirmando a necessidade de um conhecimento crítico, reflexivo e socialmente comprometido.

Ao encerrar este capítulo, reafirma-se que o ensino de sociologia não é dimensão secundária da disciplina, mas parte constitutiva de seu projeto intelectual. A articulação entre epistemologia, teoria, método, tradição sociológica brasileira e ensino permite compreender a sociologia como ciência viva, historicamente situada e comprometida com a interpretação crítica do mundo social. Essa compreensão fundamenta as considerações

finais do livro, nas quais serão retomados os principais eixos analíticos desenvolvidos ao longo da obra.

## CONCLUSÃO

## CONCLUSÃO

O percurso desenvolvido ao longo deste livro teve como objetivo central oferecer uma reflexão sistemática e integrada sobre os fundamentos da sociologia enquanto campo científico, articulando epistemologia, metodologia, teoria sociológica clássica e contemporânea, sociologia brasileira e ensino de sociologia. Ao reunir esses eixos em uma mesma obra, buscou-se evidenciar que a sociologia não se constitui como um corpo teórico fragmentado, mas como um saber historicamente situado, reflexivo e atravessado por tensões constitutivas entre explicação e compreensão, objetividade e crítica, estrutura e ação.

A análise epistemológica demonstrou que o conhecimento sociológico não pode ser pensado como neutro ou descolado das condições históricas e sociais de sua produção. Desde o positivismo até as epistemologias críticas e decoloniais, a

sociologia tem se caracterizado pela permanente interrogação de seus próprios pressupostos. Essa reflexividade não representa fragilidade, mas constitui uma de suas principais forças, permitindo à disciplina renovar seus instrumentos analíticos diante das transformações do mundo social.

No plano metodológico, o livro evidenciou que a sociologia se estrutura a partir de um pluralismo de métodos e técnicas de pesquisa. A coexistência de abordagens quantitativas, qualitativas e mistas reflete a complexidade do objeto social e a impossibilidade de sua apreensão por meio de um único modelo investigativo. A metodologia sociológica, longe de ser um conjunto neutro de procedimentos, expressa escolhas teóricas e compromissos epistemológicos, reforçando a indissociabilidade entre método e teoria.

A retomada da teoria clássica da sociologia permitiu reafirmar a centralidade de Marx, Durkheim, Weber e Simmel na

constituição do pensamento sociológico. Suas interpretações da modernidade, ainda que distintas e tensionadas, continuam oferecendo categorias analíticas fundamentais para a compreensão das desigualdades, da racionalização, da coesão social e das formas de interação. A atualidade dos clássicos reside justamente em sua capacidade de iluminar problemas contemporâneos, quando apropriados de forma crítica e não dogmática.

Ao abordar a teoria sociológica contemporânea, o livro demonstrou que a sociologia se organiza hoje como um campo plural, marcado por múltiplas perspectivas analíticas. Autores como Bourdieu, Giddens, Habermas, Luhmann, Foucault, Bauman, Butler e Quijano ampliaram o horizonte teórico da disciplina, respondendo a desafios como a fragmentação identitária, a complexidade sistêmica, as novas formas de poder e a colonialidade do saber. Esse pluralismo teórico não significa

perda de rigor, mas adequação à complexidade das sociedades contemporâneas.

A sociologia brasileira, por sua vez, foi apresentada como tradição intelectual original, forjada a partir das contradições da formação social do país. Dos intérpretes da formação nacional à consolidação da sociologia acadêmica crítica, o pensamento sociológico brasileiro contribuiu de maneira decisiva para a compreensão da modernidade periférica, da dependência, do racismo estrutural e das desigualdades sociais. Ao dialogar criticamente com as teorias centrais, a sociologia brasileira afirmou sua relevância no cenário internacional.

Por fim, a reflexão sobre o ensino de sociologia reafirmou que a dimensão pedagógica não é acessória, mas constitutiva do projeto sociológico. O ensino da disciplina envolve disputas curriculares, concepções de conhecimento e projetos de formação cidadã. Em contextos marcados por desigualdade, autoritarismo

e desinformação, a sociologia assume papel estratégico na formação de sujeitos críticos capazes de compreender e intervir na realidade social.

Dessa forma, este livro procurou demonstrar que a sociologia permanece como ciência viva, crítica e historicamente situada. Ao articular seus fundamentos epistemológicos, metodológicos e teóricos, reafirma-se a relevância da disciplina para a compreensão das complexidades do mundo social contemporâneo e para a construção de uma reflexão social comprometida com a democracia, a justiça social e a emancipação humana.



## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Petrópolis: Vozes, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento na América Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. **Educação e sociedade no Brasil**. São Paulo: Dominus, 1989.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. São Paulo: Global, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. São Paulo: Unesp, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

IANNI, Octávio. **Estado e planejamento econômico no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

LUHMANN, Niklas. **Sistemas sociais: esboço de uma teoria geral**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Hucitec, 1990.

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORGAN, David L. **Focus groups as qualitative research**. London: Sage, 1997.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PARSONS, Talcott. **O sistema social**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RAMOS, Guerreiro. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. São Paulo: Edusp, 2006.

SIMMEL, Georg. **A filosofia do dinheiro**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora UnB, 2004.

WEBER, Max. **Ensaio sobre metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2001.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

## ÍNDICE REMISSIVO

- A**
- A, 82
- Abordagem, 49
- Adaptar, 81
- Afirmação, 55
- Ambíguas, 74
- Análise, 63
- Analíticas, 65
- Articular, 100
- Assalariado, 56
- Atravessada, 37
- Atribuídos, 48
- B**
- Brasileira, 74
- Brasileiras, 75
- C**
- Campo, 45
- Capilar, 69
- Capitalismo, 65
- Capitalismo, 60
- Capítulos, 38
- Central, 84
- Centralidade, 36, 63
- Ciência, 33, 52
- Científica, 78
- Científico, 36
- Coerência, 39
- Comparação, 48

Comparar, 59

Complexidades, 100

Compreender, 46, 66, 93

Compreendida, 42

Compreensão, 46

Compreensivas, 33

Compreensivo, 48

Comprometido, 93

Compromissos, 41

Comunicativos, 51

Condicionada, 90

Conflito, 56

Conflitos, 35

Conhecimento, 33, 41, 96

Consciência, 55

Consolidação, 77

Consolidada, 81

Constituição, 41

Contemporânea, 63, 71

Contemporaneidade, 37

Contemporâneo, 100

Contextos, 99

Cotidianas, 50

Crítica, 71

**D**

Debate, 30

Decisiva, 89

Deixa, 41

Demonstrando, 56

Demonstrar, 100

Desenvolvidos, 94

Desenvolvimento, 90

Desigualdade, 62

Desigualdades, 82, 90, 99

Deslocamentos, 65

Disciplina, 98, 99

Disputas, 99

Distintas, 54

Dominação, 56, 60

E

Econômica, 62

Econômicas, 55

Econômico, 49

Educação, 85

Emancipação, 100

Ensino, 90

Entrevista, 45

Epistemologia, 29

Epistemológica, 96

Epistemológicos, 30, 100

Espaço, 84

Estatísticos, 34

Estratégias, 42

Estrutural, 49

Estruturantes, 30

Estruturas, 32

Estudos, 70

Evidenciando, 70

Excedente, 56

Exige, 47

Existência, 84

Explicação, 29

Exploração, 45

Expressa, 38

**F**

Foco, 51

Formação, 81, 100

Formas, 55

Formativos, 92

Fornecendo, 63

Fragmentação, 62

Fragmentado, 96

Funcionalismo, 65

Funcionalista, 85

Fundamental, 85

Fundamentos, 100

**H**

Heterogêneo, 65

História, 56, 74

Historicamente, 37, 96

Históricos, 29

Humanizado, 41

**I**

Iluminar, 62

Indivíduo, 57

Instrumental, 41

Intelectual, 99

Interdependentes, 65

Internacional, 82

Interpretação, 33, 55, 63

Interpretativa, 30, 48

Investigação, 41

**L**

Livro, 94

**M**

Maneira, 99

Marcado, 81

Metodologia, 49, 50, 52

Metodológica, 42

Metodológicas, 50

Metodológicos, 100

Moderna, 68

Múltiplas, 92

**O**

Objetividade, 29, 96

**P**

Pedagógica, 99

Pedagógico, 91

Pensamento, 70

Perspectiva, 33

Pesquisados, 47

Plural, 65

Pluralidade, 35

Pluralismo, 97

Poder, 98

Possibilidade, 33

Potencial, 92

Práticas, 50, 70

Preocupação, 82

Pretensão, 37

Problematizar, 70

Produz, 71

Produzidos, 46

Projetos, 81

Propõe, 36

Públicas, 46

**Q**

Qualidade, 92

**R**

Reação, 66

Realidade, 84, 91

Reconhece, 85

Redução, 80

Reflexão, 99, 100

Relação, 59

Relacional, 66

Relevância, 100

Relevante, 45

Reproduzir, 66

Responsabilidade, 47

**S**

Simbólicas, 84

Sistemática, 66

Situar, 38

Sociabilidade, 35, 49

Social, 63

Sociedade, 84, 85

Sociologia, 29, 30, 52, 63, 73,

93, 98

Sociológica, 65, 98

Sociológicas, 52

Sociológico, 98

Surgimento, 54

**T**

Técnica, 46

Teoria, 54

**U**

Universalidade, 37

Urbanização, 54

## V

Voltada, 81

## W

Weberiana, 34

# FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA: EPISTEMOLOGIA, TEORIA, MÉTODO E ENSINO

Revista REASE chancelada pela Editora Arché.  
São Paulo- SP.  
Telefone: +55(11) 5107- 0941  
<https://periodicorease.pro.br>  
[contato@periodicorease.pro.br](mailto:contato@periodicorease.pro.br)

# FUNDAMENTOS DA SOCIOLOGIA: EPISTEMOLOGIA, TEORIA, MÉTODO E ENSINO

ISBN: 978-65-6054-300-3

**CRJ**



9 786560 543003